

A GUERRA DOS CEM ANOS

Um século de guerra entre Inglaterra
e França



50MINUTES.com

Índice

[A Guerra dos Cem Anos](#)

[A Guerra dos Cem Anos](#)

[Contexto](#)

[Um rei da Inglaterra vassalo do rei da França](#)

[um trono vazio](#)

[Atores principais](#)

[Eduardo III, rei da Inglaterra e duque da Guiana](#)

[Beltrán Duguesclín, condestável da França](#)

[Carlos VII, rei da França](#)

[A Guerra dos Cem Anos](#)

[A esmagadora dominação inglesa](#)

[França e Inglaterra, entre guerras externas e crises internas](#)

[A reconquista inglesa](#)

[A explosão e vitória francesa](#)

[Repercussões](#)

[Uma guerra sem fim](#)

[A reconstrução do tecido socioespacial](#)

[Regimes políticos totalmente opostos](#)

[O nascimento das nações](#)

[Em resumo](#)

[Ir adiante](#)

[Fontes bibliográficas](#)

[Fontes complementares](#)

[Fontes iconográficas](#)

[Crônicas](#)

[Adaptações literárias](#)

Este livro é um guia prático e acessível para aprender mais sobre a Guerra dos Cem Anos, que lhe fornecerá informações essenciais e economizará seu tempo.

Em apenas 50 minutos você será capaz de:

- Identificar as causas do início do conflito, bem como o contexto em que a guerra ocorreu, remontando às ligações entre França e Inglaterra desde o século XI.
- Analisar o desenvolvimento, passo a passo, de um dos conflitos mais longos da história da humanidade, bem como o papel dos principais atores envolvidos na guerra.
- Compreender o efeito desta guerra em França e Inglaterra, mas também na história da Europa Ocidental, com a formação das nações e da identidade nacional.



Maria Faure

A Guerra dos Cem Anos

Um século de luta entre franceses e ingleses

Em 50 minutos

Histórico - o

ePub r1.0

Titivillus 22/04/2020

Maria Fauré, 2016

Tradução: Marina Martín Serra

Editor digital: Titivillus

base ePub r2.1



A GUERRA DOS CEM ANOS

- **Quando?** De 1337 a 1453.
- **Onde?** Na França.
- **Contexto?** O rei da França morre sem herdeiro direto, então o trono permanece vazio. Isto é seguido por uma longa disputa que coloca a França e a Inglaterra uma contra a outra durante cem anos para obter o domínio político e económico na Europa Ocidental.
- **Beligerante?** A França enfrentou a Inglaterra.
- **Atores principais?**
 - Eduardo III, rei da Inglaterra e duque da Guiana (1312-1377).
 - Beltrán Duguesclín, condestável da França (1315/1320-1380).
 - Carlos VII, rei da França (1403-1461).
- **Resultado?** Vitória francesa.
- **Vítimas?** O número de vítimas, diretas e indiretas, é difícil de calcular.

A Guerra dos Cem Anos, um famoso conflito da Idade Média, é um dos confrontos diretos mais longos entre duas grandes potências da história. Entre 1337 e 1453, confrontou as duas monarquias mais importantes do Ocidente medieval: a França e a Inglaterra. Quando em 1337 o rei da Inglaterra Eduardo III reivindicou o seu direito à coroa da França, ele entrou plenamente nas disputas dinásticas entre os Plantagenetas e os Valois. Mas o verdadeiro objectivo é muito mais importante do que isso, uma vez que consiste nem mais nem menos do que adquirir o domínio político e económico na Europa Ocidental. Mais de um século depois, durante a última rendição da cidade de Bordéus em 1453, esta rivalidade assume a forma de uma verdadeira guerra que opõe duas nações. No entanto, os exércitos não se enfrentaram sem pausa durante 116 anos: os episódios de guerra foram separados por numerosos períodos de trégua.

Embora os séculos anteriores tenham sido prósperos, parece que os infortúnios continuam a ocorrer no mundo medieval no início do século XIV. Em 1347, a Peste Negra e a fome causaram estragos na população, assim como as múltiplas campanhas que ocorreram durante a Guerra dos Cem Anos, que foram particularmente destrutivas e mortais.

As forças dos beligerantes, à primeira vista, estão desequilibradas. A França beneficia efectivamente de um grande esplendor económico, cultural e demográfico (tinha 15 milhões de habitantes no início do século), enquanto a Inglaterra é muito escassamente povoada (tem menos de 5 milhões de habitantes) e já está em guerra contra a Escócia. Porém, seria ela quem levaria vantagem entre 1337 e 1360. A França reconquistou então os seus territórios até 1415, ano em que os ingleses voltaram a assumir o controlo da situação. A chegada de Joana d'Arc (heroína francesa, 1412-1431), a aliança com a Borgonha e a reforma do exército significam que a França finalmente vence a guerra em 1453. A partir desse momento, os ingleses deixam de possuir territórios no continente, com exceção de Calais.

A Guerra dos Cem Anos, crucial a muitos níveis, faz com que as monarquias europeias entrem na era da modernidade e acarreta o nascimento de um sentimento nacional até então inexistente, constituindo um ponto de viragem decisivo na história e na cultura da Europa.

CONTEXTO

Um rei da Inglaterra vassalo do rei da França

Os laços que unem os reinos da França e da Inglaterra remontam ao século XI. Em 1066, Guilherme, o Conquistador (c. 1028-1087) toma a ilha anglo-saxônica após a Batalha de Hastings, evento que une o destino das duas nações.

No entanto, teremos de esperar até ao século seguinte para que apareça uma das principais causas das tensões entre os dois reinos: a tomada do Ducado da Aquitânia pelos reis de Inglaterra. Em 1137, Leonor, Duquesa da Aquitânia e Condessa de Poitou (c. 1122-1204), casou-se com o rei da França, Luís VII (1120-1180). No entanto, a relação entre os dois deteriora-se rapidamente, e Luís, o Jovem, tanto para salvar a sua honra como para remediar a ausência de um herdeiro homem, repudia a sua esposa, argumentando que eles têm um grau de parentesco proibido pela Igreja. Poucos meses depois, Eleanor se casa com Henrique Plantageneta (1133-1189), herdeiro da coroa inglesa. A mulher tornou-se rainha da Inglaterra em 1154. Assim, o ducado da Aquitânia que pertencia a ela escapou do domínio francês. Desde então, os reis franceses tentaram, por todos os meios, recuperar os territórios sujeitos ao domínio Plantageneta. O rei da França Filipe II Augusto (1165-1223), através do uso das armas e da diplomacia, conseguiu recuperar a maior parte das terras, com exceção da Guiana (outro nome dado à Aquitânia). Até 1259 não se regulará o estatuto do ducado —por lo menos por un tiempo—, mediante el tratado de París, firmado entre Luis IX (1214 o 1215-1270), rey de Francia, y Enrique III (1207-1272), rey Inglaterra. Henrique III mantém o título de duque da Aquitânia, mas em troca deve prestar homenagem ao rei da França. Assim, às vésperas da Guerra dos Cem Anos, a situação é particularmente ambígua: o rei da Inglaterra é ao mesmo tempo soberano no seu reino e vassalo do rei da França para a Aquitânia, algo que ele acha difícil de aceitar.

As relações de dominação feudal

Durante a Idade Média, os senhores e seus vassalos estavam unidos por laços pessoais. Com a cerimônia de homenagem, o vassalo jura fidelidade ao seu senhor e compromete-se a servi-lo oferecendo conselhos e apoio militar; o último constitui o serviço *host*. Em troca, o senhor concorda em fornecer proteção e justiça ao seu vassalo. A homenagem é pessoal, portanto deverá ser renovada cada vez que ocorrer a sucessão de uma das duas partes.

Para Eduardo III, esta relação de submissão ao novo rei de França, Filipe VI (1293-1350), é especialmente difícil de aceitar, uma vez que o Valois é apenas filho de um conde, enquanto ele é filho de um rei.

um trono vazio

Neste contexto, ocorre um acontecimento inédito na dinastia Capetiana, à frente do reino de França durante mais de três séculos: o rei Carlos IV, o Belo (c. 1295-1328), último filho

de Filipe IV, o Belo (1268-1314), morreu em 1328 sem deixar nenhum herdeiro homem. Consequentemente, os poderosos do reino têm de escolher entre dois pretendentes ao trono: Filipe de Valois (1293-1350), primo-irmão do falecido rei, e Eduardo III, neto de Filipe, o Belo por parte de mãe, sobrinho do falecido monarca e rei da Inglaterra. Os pares da França, que não vêm com bons olhos a união das duas coroas em benefício dos ingleses, optam por reconhecer os Valois como rei da França. Ele é coroado com o nome de Felipe VI. Justificam esta escolha pelo respeito à lei sálica que exclui as mulheres da sucessão e transmissão do poder. Eduardo III, preocupado com os assuntos escoceses, não contestou esta decisão e até prestaria homenagem ao novo rei em 1329, em nome da Aquitânia, como um simples duque.

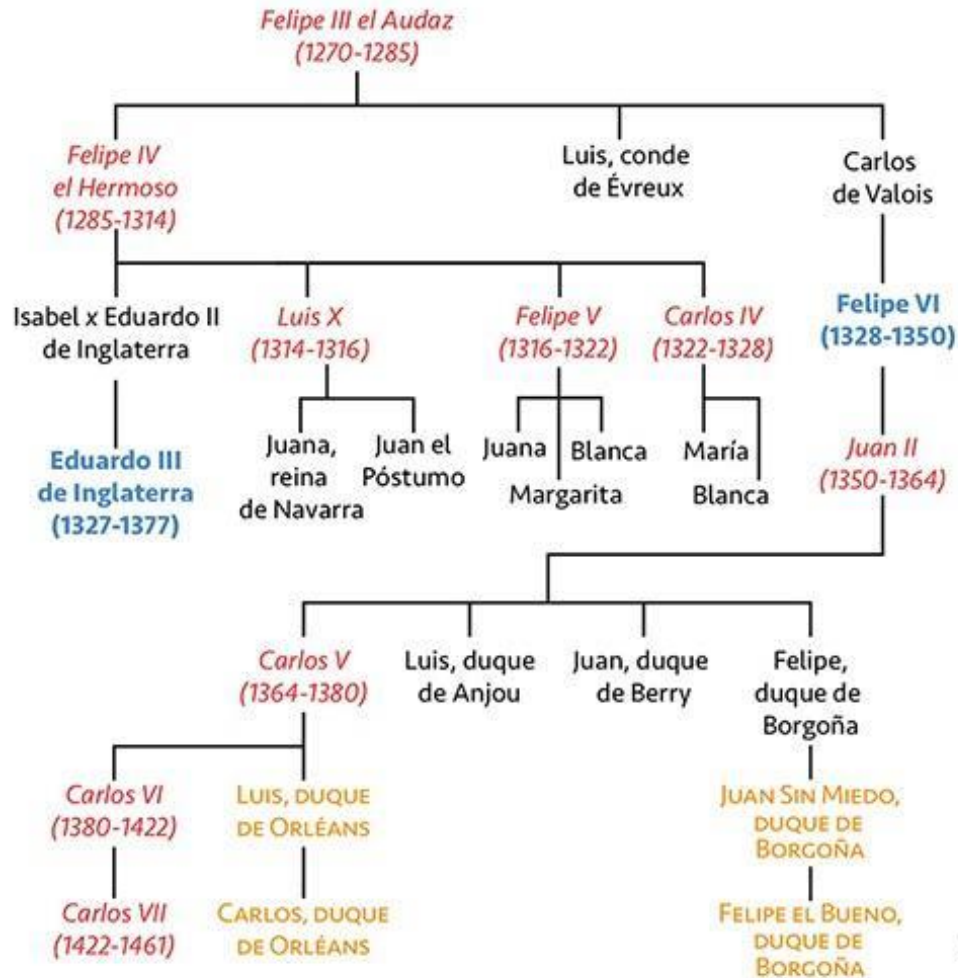
A lei sálica

Os teóricos desta época apresentam oficialmente a lei sálica como uma lei herdada dos francos salianos, um povo que teria vivido no século V. Na verdade, foi totalmente inventado em 1316 para afastar a sua filha Joana (1311-1349) da sucessão do rei Luís. A partir desta data, as mulheres estão oficialmente excluídas do poder no reino da França. Em 1328, a lei foi modificada para excluí-los também do direito ao trono. Isabel de França (c. 1292-1358), mãe de Eduardo III, não pode, portanto, ser herdeira da Coroa nem transmitir esse direito aos seus descendentes.

A partir dos anos 1332-1333, os motivos de disputas se acumulam. O rei de França dá o seu apoio à revolta escocesa contra os ingleses, respeitando assim uma série de tratados assinados no século anterior. Da mesma forma, as alianças dos dois reinos são postas à prova com a turbulência que reina na Flandres, território sob a proteção da coroa francesa devido ao tributo. Com efeito, Eduardo III apoiou a revolta das cidades fabricantes de roupas daquele território e decretou um embargo à lã, o que enfraqueceu enormemente a economia do concelho. Finalmente, enquanto Filipe VI reunia uma frota em 1335 para empreender uma cruzada, a Inglaterra viu uma ameaça de invasão e formou uma coligação contra a França. Em resposta, o rei confisca o ducado da Aquitânia em 24 de maio de 1337. Eduardo III reage reivindicando o seu direito à coroa da França. No Dia de Todos os Santos de 1337, ele envia o bispo de Lincoln a Paris para levar suas cartas de desafio a "Filipe de Valois, que se autoproclama rei da França" (Gauvard 2002, 380). Após este insulto à honra do monarca, a guerra é declarada.

Para além da disputa dinástica e do desejo de Eduardo III de pôr fim à sua homenagem ao rei de França, os desafios dos dois reinos são principalmente económicos e estratégicos. Da Flandres à Aquitânia, a questão gira em torno dos escoamentos marítimos e das regiões mais ricas do continente. A Flandres e o Hainaut são os primeiros mercados de exportação da lã inglesa, e a sua aliança com a Inglaterra é reforçada com o casamento de Eduardo III com Filipa de Hainaut (1314-1369) em 1328. Quanto à Aquitânia, que dá acesso ao Atlântico é a chave para o comércio de vinho. Além disso, ofereceu apoio às tropas inglesas e uma base no continente durante três séculos.

La crisis de sucesión del reino de Francia - Árbol genealógico



(.....) Fechas de reinado

Negrita Pretendientes a los tronos de Francia en 1337

Cursiva Reyes de Francia

VERSALITAS Protagonistas de la guerra civil en Francia (1407-1435)

La guerra de los Cien Años

ATORES PRINCIPAIS

Eduardo III, rei da Inglaterra e duque da Guiana

Filho do rei de Inglaterra Eduardo II (1284-1327) e de Isabel de França, Eduardo III esteve imerso, desde muito jovem, na luta pelo poder dos seus familiares. Em 1325, com apenas 13 anos, recebeu os títulos de Duque da Aquitânia e Conde de Ponthieu, pelos quais prestou homenagem ao Rei da França, Carlos IV. Em 1328, sua mãe o proclamou rei da Inglaterra, gesto que forçou seu pai a abdicar.

O seu reinado de 50 anos é marcado por guerras e crises políticas. A sua primeira operação militar, realizada contra a Escócia a partir do verão de 1327, terminou com negociações forçadas com Robert I Bruce (rei da Escócia, 1274-1329). À medida que a luta continua, Eduardo III concentra-se cada vez mais nos assuntos franceses. A escalada das tensões entre ele e o rei de França, Filipe VI, ligadas principalmente às possessões inglesas no continente, leva à eclosão da chamada Guerra dos Cem Anos. Em janeiro de 1340, Eduardo III assume o título e os brasões do Rei da França.

Embora no início tenha multiplicado as suas vitórias graças à estratégia de ataque com cavalaria e ao uso de tropas de grande mobilidade, os cofres reais foram gradualmente esvaziados, levando a diversas crises políticas graves durante o seu reinado. Durante os períodos de trégua, Eduardo III reorganiza seu reino nas áreas de justiça, moeda, impostos e finanças. Da mesma forma, desenvolveu a indústria têxtil, para tornar a França menos dependente da Flandres. Da mesma forma, as suas brilhantes vitórias em território francês representaram uma boa oportunidade para promover o ideal cavaleiresco, criando a Nobre Ordem de Cavalaria da Jarreteira em 1348, por ocasião da celebração das vitórias de Crécy (1346) e Calais (1347).



A Batalha de Crécy, ilustração das Crônicas de Jean Froissart, século XV.

Alguns anos depois, sua saúde piora e ele é forçado a se retirar dos assuntos do reino. Morreu em 21 de junho de 1377, enquanto seu país sofria uma nova crise parlamentar. Muito apreciado pelo povo, Eduardo III deixa a imagem de um rei com notáveis qualidades de lutador e líder, que serão elogiadas pelos seus sucessores.

Beltrán Duguesclín, condestável da França

Beltrán Duguesclín é o filho mais velho de uma família da pequena nobreza bretã. Ele lutou desde 1341 ao lado de Carlos de Blois (duque da Bretanha, 1319-1364) durante a Guerra

de Sucessão da Bretanha. Durante o cerco de Rennes (outubro de 1356 a julho de 1357) ele foi nomeado cavaleiro. Poucos meses depois, em dezembro de 1357, entrou ao serviço do Delfim da França, futuro Carlos V (1338-1380).

A partir de 1360, dedicou-se a expulsar do território francês as Grandes Companhias, bandos de mercenários que não tinham líder desde o fim dos combates e que devastaram o país. Ele os leva para Castela, onde disputam dois pretendentes ao trono: Enrique de Trastámara (1334-1379) e Pedro el Cruel (1334-1369). Em 3 de abril de 1367, durante a batalha de Nájera, caiu prisioneiro das mãos do herdeiro do trono da Inglaterra, Eduardo, o Príncipe Negro (príncipe de Gales e Aquitânia, 1330-1376), filho de Eduardo III.

Após a vitória final de Enrique de Trastámara em 1369, e enquanto houve um retorno às hostilidades na França, Carlos V nomeou Beltrán Duguesclín condestável da França. Ele rapidamente se tornou um dos líderes de guerra mais ativos na reconquista francesa da década de 1370. Morreu em 13 de julho de 1380 durante o cerco de Châteauneuf-de-Randon e, por ordem do rei, foi sepultado na necrópole real de Saint Denis.



Morte de Beltrán Duguesclín no sítio de Châteauneuf-de-Randon , ilustração presente num manuscrito de Jean de Wavrin, século XV .

Beltrán Duguesclín, já muito famoso em vida, entra na lenda logo após sua morte. Ele é um homem habilidoso, leal e corajoso, além de violento e implacável, e representa a resistência dos franceses contra o inimigo inglês. Em 1407, tornou-se um herói protetor dos Armagnacs e, mais tarde, um herói nacional, ao lado de Joana D'Arc.

Carlos VII, rei da França

Benjamim de Carlos VI (1368-1422) e Isabel da Baviera (c. 1371-1435), Carlos torna-se herdeiro do reino da França em 1417, após a morte de seus dois irmãos mais velhos. Um ano depois, durante a captura de Paris pelos *borgonheses*, fugiu com os Armagnacs e refugiou-se em Bourges. Proclamou-se regente do reino, já que seu pai sofria de demência desde 1392. Indiretamente responsável pelo assassinato do duque de Borgonha, João Destemido (1371-1419), foi afastado da sucessão ao trono pelo Tratado de Troyes de 1420. Então, ele é responsável por organizar seu governo a partir de sua propriedade em Berry, e obtém o título de rei após a morte de seu pai em 1422, o que lhe valeu o apelido de rei de Bourges.

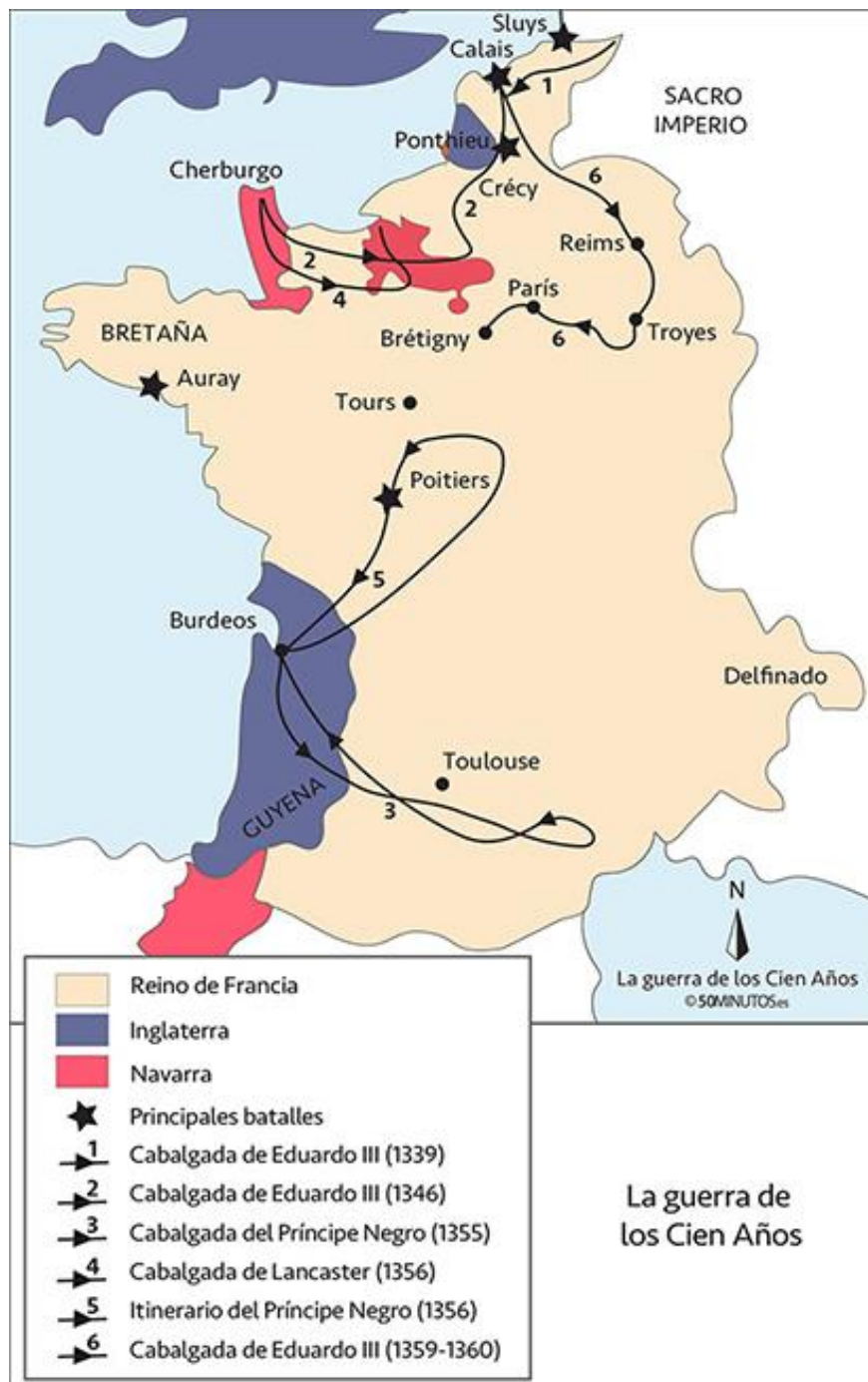
Com a ajuda de uma jovem camponesa da região de Lorena chamada Joana d'Arc, ele consegue reconquistar o Vale do Loire. Ele então foi para Reims e em 17 de julho de 1429 foi proclamado e coroado rei da França segundo a tradição. A partir desse momento, sua posição se fortaleceu. Assinou a Paz de Arras em 1435, que lhe garantiu a neutralidade do duque de Borgonha, e conseguiu reunificar o reino e retomar Paris no ano seguinte. Após a vitória de Castillon em 1453, que lhe valeu o apelido de Vitorioso, ele persegue os ingleses desde o continente, com exceção da cidade de Calais, que continuará a ser um reduto britânico. Carlos VII também aproveitou os anos de trégua para reorganizar completamente o exército e reforçar o sistema fiscal francês.



Joana D'Arc em Reims durante a coroação de Carlos VII, pintura de Jules Eugène Lenepveu, 1886.

O final do seu reinado é marcado pela reafirmação da autoridade real à custa dos grandes nobres e por uma recuperação económica. Morreu em 1461 em circunstâncias pouco claras: alguns elementos podem sugerir um possível envenenamento por seu filho, o Delfim Luís. Embora após a sua morte tenha um prestígio considerável a nível europeu, a imagem de um rei-cavaleiro vitorioso permanece pouco enraizada na memória, uma vez que alguns heróis da nação como Joana d'Arc o ofuscam.

A GUERRA DOS CEM ANOS



A esmagadora dominação inglesa

O início da guerra (1337-1340)

Embora a guerra tenha sido declarada oficialmente em 1337, teríamos que esperar vários anos antes dos primeiros confrontos: Filipe VI não tinha interesse em atacar Eduardo III em território inglês, e este último enfrentava graves problemas financeiros causados pela Guerra Escocesa e pelas numerosas Guerras Escocesas. alianças que devem ser mantidas.

Somente em 24 de junho de 1340 começaram as hostilidades durante a conhecida batalha naval de Sluys, que ocorreu em frente ao porto de Bruges, na Flandres. A falta de experiência do exército francês em batalhas navais, a baixa participação da nobreza e os múltiplos erros estratégicos fazem deste primeiro combate um desastre para o lado francês, que perde três quartos dos seus navios. Apesar da vitória, Eduardo III é forçado a regressar a Inglaterra para acalmar o descontentamento popular relativamente às dívidas que continuam a acumular-se.

No ano seguinte, a batalha acontece na Bretanha. João III (duque da Bretanha, 1268-1341) acaba de morrer sem herdeiro, então começa uma guerra de sucessão entre sua sobrinha Joana de Penthièvre (1319-1384), esposa de Carlos de Blois, sobrinho de Filipe VI, e João IV de Montfort (1295-1345), meio-irmão do falecido, aliado dos ingleses. Eduardo III ajuda este último, pois na disputa vê a oportunidade de aumentar seu controle sobre a costa atlântica do continente.

Diferentes organizações militares

Nesta metade do século XIV, as tropas disponíveis e as estratégias militares diferem entre os dois adversários. O exército francês permanece, a princípio, ligado às tradições de serviço e à preeminência da cavalaria. Para formar um exército, existem vários métodos de recrutamento. Em primeiro lugar, existe o serviço de acolhimento, que os vassallos devem ao seu senhor, e que dura 40 dias por ano – se a duração do serviço for prolongada, é concedida uma compensação financeira. A isto somam-se as “pessoas comuns”, ou seja, todos os homens livres com idades entre 18 e 60 anos, e as milícias urbanas. Finalmente, o rei também convoca mercenários, principalmente besteiros genoveses e soldados escoceses. Assim, Filipe VI consegue reunir um exército de 50 mil homens em poucas semanas, mas o custo gerado por tal mobilização não lhe permite manter todos estes homens por mais de quatro meses por ano. A força numérica é muito enfraquecida pela falta de flexibilidade e unidade nas fileiras francesas, bem como por um certo desprezo que a maioria dos nobres sente pela *pietaille* (nome que os franceses dão aos homens comuns nos exércitos medievais). .

Do lado inglês, Eduardo III aprendeu a lição da guerra escocesa e só recorre à taxa feudal em raras ocasiões. Ele é a favor de um exército que receba um salário, através de um sistema de contratos que vincule o rei aos seus capitães, assim como os capitães aos seus soldados. Embora as tropas britânicas nunca ultrapassem os 10.000 homens, são particularmente móveis e eficazes. É por isso que Eduardo III priorizou a tática da equitação. Durante estas operações, o rei, ou um dos seus filhos, desembarcou na Normandia ou na Aquitânia, que na época lhes pertencia, com vários milhares de soldados. A partir daí, eles atravessam o reino da França, tomando cidades e castelos ao longo do caminho e colocando seus saques em carroças para levá-los a Bordéus ou outra ponte estabelecida no continente. Estas operações geralmente duram apenas alguns meses e são realizadas no verão ou no outono. Enquanto alguns são concluídos com sucesso, outros terminam em fracasso absoluto, especialmente devido à falta de forragem, à propagação de epidemias ou ao peso excessivo dos comboios.

A época dos grandes passeios (1345-1347)

Depois de ter restaurado a ordem no seu reino, em 1345 Eduardo III enviou os seus exércitos para o continente, que dividiu em três frentes: uma foi enviada para a Bretanha, outra para a Flandres e a última para a Gasconha. Por sua vez, desembarcou na Normandia em julho de 1346 e realizou uma grande cavalgada em direção ao norte.

Embora o exército inglês não procure travar batalhas campais, que costumam ser muito mortíferas, elas são por vezes inevitáveis. Consequentemente, em 26 de agosto de 1346, os exércitos francês e inglês encontraram-se em Crécy. Embora o costume determine que as pessoas que atiram flechas (arqueiros e besteiros) entrem em combate antes do ataque da cavalaria, os cavaleiros franceses decidem lançar-se diretamente no ataque dos seus inimigos para demonstrar a sua bravura e superioridade sobre os soldados da cidade, sem hesitar em fazê-lo. esmagar as pessoas comuns do seu próprio lado. Os arqueiros ingleses causam muitos danos devido ao uso do *arco longo*, um arco com alcance de quase 250 metros. Durante a batalha, mais de 1.500 homens nas fileiras da cavalaria francesa morreram, incluindo o irmão do rei. A presença de canhões no campo de batalha também é observada pela primeira vez numa batalha campal, embora, naquela época, tivessem um papel principalmente dissuasor.



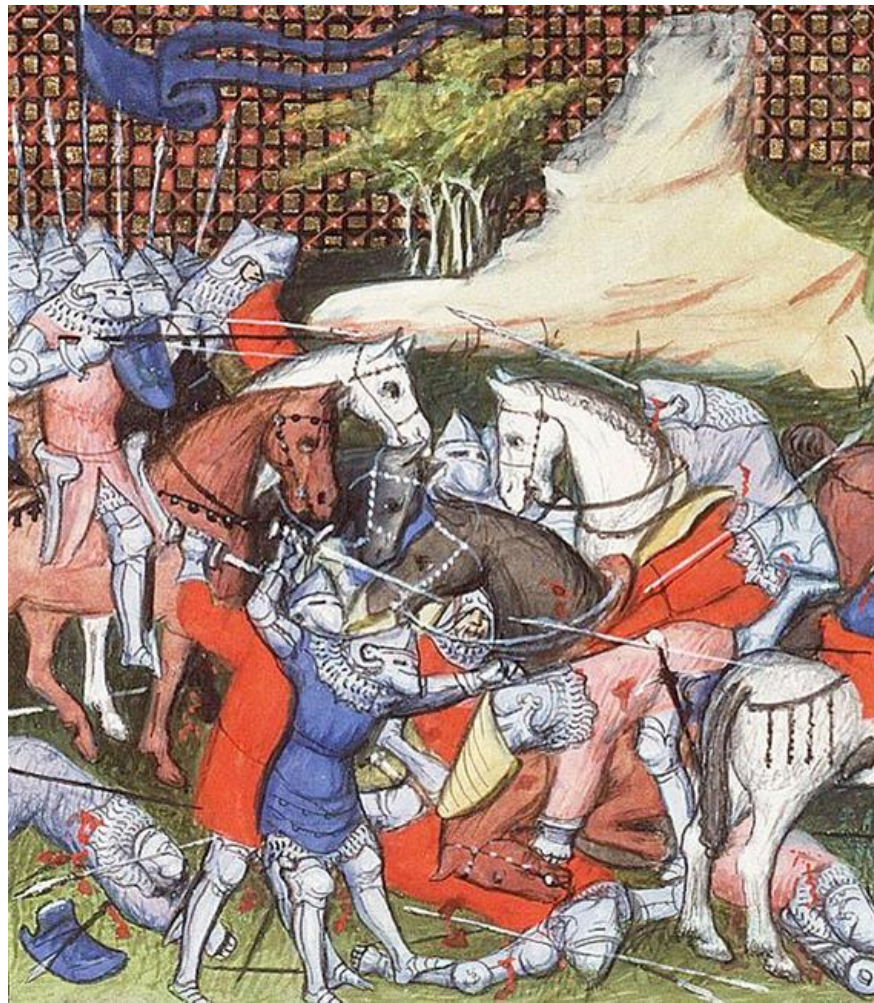
A Batalha de Crécy, ilustração dentro de *Les Grandes Chroniques de France*, c. 1415.

Eduardo III, após vencer a batalha, continuou sua cavalgada e sitiou a cidade de Calais em 4 de setembro de 1346. Diante da deserção de Filipe VI, Calais rendeu-se em 3 de agosto de 1347. Os habitantes da cidade foram expulsos. permanecerá um bastião avançado dos ingleses no continente até 1558.

Junto com seus sucessos na Normandia, a Inglaterra vê seus aliados triunfarem na Bretanha, onde Carlos de Blois é capturado, enquanto a Escócia sofre uma grande derrota no norte da Inglaterra em 1346. Eduardo III, no entanto, não pode desfrutar desses sucessos como um dos mais emergem epidemias devastadoras na história ocidental: a Peste Negra.

A Batalha de Poitiers e a Captura do Rei da França (1355-1360)

As hostilidades recomeçaram em 1355 com uma cavalgada liderada por Eduardo de Woodstock, chamado Príncipe Negro, filho e herdeiro de Eduardo III. Ele deixou Bordéus no início de outubro e liderou suas tropas por dois meses até chegarem a Roussillon. Em Poitiers ele encontra o exército francês em 19 de setembro de 1356. A batalha termina com um novo desastre para os Valois, e o rei da França, João II, o Bom (1319-1364), é capturado. Enquanto a agitação em Paris se fortalece, o herdeiro, o futuro Carlos V, cuja autoridade é questionada, conclui uma trégua de dois anos com Eduardo III em 1357.



Carlos de Blois capturado, ilustração que aparece nas Crônicas de Jean Froissart, c. 1410.

Neste contexto problemático, numerosas revoltas desestabilizam temporariamente o reino de França em 1358. No início desse ano, o reitor dos mercadores de Paris, Étienne Marcel (c. 1316-1358), convoca o povo de Paris à insurreição, enquanto nas campanhas de Beauvaisis, os camponeses, chamados de Jacques, levantam-se contra a nobreza em 28 de maio, o que desencadeia as campanhas da Normandia e Auxerrois. Estas revoltas terminam num banho de sangue, pouco depois da morte de Étienne Marcel, em 31 de julho.

Terminada a trégua entre a França e a Inglaterra, no verão de 1359, Eduardo III, em posição de poder, reúne um novo exército em Calais. Na verdade, ele quer chegar a Reims para ser coroado rei da França. Mas a cidade resiste ferozmente e o monarca inglês é forçado a iniciar negociações com o Delfim da França.

França e Inglaterra, entre guerras externas e crises internas

O tratado de Brétigny e a exportação do conflito (1360-1369)

Em 8 de maio de 1360, ainda prisioneiro, João II foi forçado a assinar o tratado de Brétigny, que garantia ao rei da Inglaterra a soberania de Calais, Ponthieu, Aquitânia, Gasconha, Quercy, Limousin e dos Agenais, o que representa quase um terço do reino, em troca da renúncia às suas reivindicações ao trono da França. Este acordo também fixa o resgate de João II em três milhões de libras, o que equivale a dois anos de rendimentos do reino de França. A situação é um verdadeiro desastre.

Este tratado põe fim temporariamente às operações militares entre os dois países, arruinadas pela guerra, pelas doenças e pela fome. A paz é decidida em Calais em 24 de outubro de 1360. Embora Eduardo III e João II ratifiquem as decisões tomadas em Brétigny, as renúncias delas decorrentes permanecem pendentes por muito tempo. As regiões recentemente conquistadas pela Inglaterra mostram relutância em submeter-se ao seu novo senhor, e muitas cidades fecham as portas à chegada de oficiais ingleses. No entanto, pode-se considerar que em 1362 se aplicavam as cláusulas territoriais. Além desta reorganização, a França também deve abordar a questão do resgate do rei. Libertado em troca de reféns, o rei tem dificuldade em conseguir o dinheiro necessário para o seu resgate e morre em Londres sem ter conseguido pagar a sua dívida. Carlos V será seu sucessor. Apesar do tratado, os confrontos continuam indiretamente, especialmente na Bretanha.

Alguns anos depois, inicia-se um novo conflito por parte de aliados que intervêm no contexto da sucessão de Castela. Carlos V confia a Duguesclín a missão de dirigir as Grandes Empresas em Espanha. Embora tenha sido derrotado pelo Príncipe Negro durante a Batalha de Nájera em 1367, conseguiu fazer triunfar seu aliado Enrique de Trastámara em Montiel em 1369.

Em 1367, perante a recusa de Pedro, o Cruel, em pagar o preço prometido, o Príncipe Negro decidiu no ano seguinte compensá-lo no seu principado da Aquitânia, impondo um novo

imposto. Conde Jean de Armagnac (c. 1306-1373) rejeita este novo imposto e apela ao rei da França. Muitos cavaleiros gascões o apoiam neste aspecto. Carlos V decide aceitar o chamado e solicita um encontro com o Príncipe Negro em Paris em 1369. Em resposta, ele manda assassinar os dois mensageiros reais. Então Eduardo III, apesar das cláusulas do tratado de Brétigny, recuperou o título de rei da França, abandonado em 1360. Em 30 de novembro de 1369, Carlos V ordenou novamente o confisco da Guiana.

A retomada das hostilidades na França (1369-1380)

A escalada das tensões leva à retomada das hostilidades na França. Entretanto, o exército francês mudou: Carlos V decidiu aplicar o modelo inglês de contratos aos seus homens. Tal como o seu inimigo, mantém à sua disposição um núcleo permanente de cerca de 3.000 soldados, que pode duplicar durante as campanhas militares. Por fim, o rei não se coloca mais na linha de frente, mas fica para trás para garantir o comando de suas tropas. Da mesma forma, conta com o apoio de senhores da guerra cuidadosamente escolhidos, como Beltrán Duguesclín, que recebeu a espada do condestável em 1369. Carlos V também tece uma rede de alianças com Castela e a Escócia, e obtém a neutralidade de Flandres.

Apesar de uma trégua de dois anos (1375-1377), as operações continuam, embora nenhuma grande batalha ocorra neste período, uma vez que os protagonistas priorizam uma guerra de desgaste para enfraquecer a outra parte. Para evitar que os ingleses repetissem as grandes incursões que tinham sido um sucesso total, os franceses reforçaram as fortificações das cidades e não hesitaram em recorrer à técnica da terra arrasada, deixando os ingleses sem recursos. Os franceses também utilizaram novas peças de artilharia, como canhões de cobre e ferro, que complementavam as armas tradicionais que disparavam graças ao contrapeso.

Portanto, os combates recomeçam com mais força, enquanto a situação é particularmente difícil para a Inglaterra. Eduardo III, demasiado velho, é incapaz de liderar o seu reino, enquanto o seu herdeiro luta em Castela e Aquitânia. Este último morreu em 8 de junho de 1376, seguido por seu pai em 21 de junho de 1377. Os franceses esperavam aproveitar esta fraqueza para continuar as suas conquistas. Apesar da relutância de Duguesclín, Carlos V tenta assumir o controle da Bretanha, mas falha.

No ano de 1380 ocorreu a morte de Duguesclín e Carlos V. Como ambos os reinos se encontravam então numa posição delicada, os combates cessaram e os ingleses apenas mantiveram a posse de Calais, Brest, Bordéus e Bayonne.

O parêntese da guerra (1380-1415)

Em 1380, os dois reinos estão aprisionados por dúvidas. Apesar da dinâmica de vitórias e da reorganização do imposto, a França sofre grandes dificuldades económicas. O novo rei, Carlos VI, tinha apenas 12 anos naquela época. Do lado inglês, as sucessivas mortes do Príncipe Negro e de Eduardo III desestabilizaram o reino. O jovem Ricardo II (1367-1400),

filho de Eduardo de Woodstock, tinha apenas 10 anos quando subiu ao trono em 1377. Seu tio, John de Gaunt (1340-1399), atuou como regente. Ele não tem intenção de deixar os franceses aproveitarem a sua reconquista territorial, e tenta impor um novo imposto em 1381 para financiar uma campanha militar. Mas o povo, exausto pelas guerras e pela peste, levanta-se. Embora esta revolta não tenha o efeito desejado, atinge a capital do reino e obriga o jovem rei a refugiar-se na Torre de Londres.

Durante o seu reinado, Ricardo II procura consolidar o seu poder interno e defende a paz com a França. Embora os combates parem sozinhos em 1380, nenhuma trégua foi assinada. Enquanto os ingleses lutavam em Castela, os franceses alimentaram vários projetos de desembarque na Inglaterra entre 1386 e 1387, sem resultado. Finalmente, uma trégua é assinada em 1388, seguida de outra, desta vez válida até 1426. Este último pacto é selado pela restituição de Brest à França e pelo casamento de Ricardo II com a filha de Carlos VI, Isabel de Valois (1389- 1409).

Entretanto, a situação em França deteriora-se. Embora os anos 1380-1390 sejam caracterizados por um regresso à prosperidade, Carlos VI, que sofre cada vez mais de demência, já não é capaz de governar e deixa o reino sob o domínio das principais figuras do reino e das suas disputas. Assim, a guerra entre os Armagnacs e os Borgonheses eclodiu após o assassinato do irmão do rei, Luís de Orleans (1372-1407), em 23 de novembro de 1407, pelas mãos de um dos homens de João, o Destemido. A situação não é melhor na Inglaterra, onde Ricardo II também deve enfrentar uma revolta liderada pelo duque da Cornualha, Henrique de Lancaster (1366-1413). Em 26 de setembro de 1399, Ricardo II foi forçado a abdicar em favor de seu inimigo, que adotou o nome de Henrique IV. Mas este último morreu em 1413, deixando o trono para Henrique V (1387-1422). Determinado a restaurar a ordem e a unidade do reino, este vê a guerra entre o seu país e a França como o meio para atingir os seus fins.

A guerra civil entre os Armagnacs e os Borgonheses

Os Armagnacs e os Borgonheses representam dois grandes partidos franceses opostos tanto nas suas concepções políticas como na sua relação com o inimigo inglês.

Após o assassinato de Carlos de Orleans por João, o Destemido, as duas partes têm que se reunir em Montereau para iniciar as negociações em 10 de setembro de 1419. Porém, durante a reunião, João, o Destemido, é assassinado pelos Armagnacs, apoiados pelo Golfinho Carlos. Imediatamente, o novo duque da Borgonha, Filipe, o Bom (1396-1467), optou pelos ingleses. As duas facções só se reconciliarão em 1435, durante o Congresso de Arras. A Borgonha voltou a fazer parte do domínio francês.

A reconquista inglesa

O domínio da Inglaterra sobre a França (1415-1420)

A partir de 1415, Henrique V organizou um desembarque na Normandia e sitiou Harfleur. Uma vez capturada a cidade, ele decide levar seus 15.000 homens para Calais para passar o

inverno lá. Para impedir a sua retirada, Carlos VI recruta tropas e envia os seus homens para interceptar os do rei de Inglaterra. A reunião acontece em Agincourt no dia 25 de outubro. Erros de comando e estratégia inadequada fazem desta batalha um desastre para o exército francês, embora as suas tropas sejam mais numerosas que o outro exército, já que conta com pelo menos 50.000 homens. O local escolhido para o confronto, demasiado estreito, não permite o destacamento das forças francesas, que são demasiado numerosas. Além disso, os cavaleiros franceses recusam-se novamente a deixar o povo comum iniciar a luta e lançam o ataque em campos enlameados pelas chuvas de outono. Ao final da batalha, houve quase 10 mil mortos do lado francês, entre eles os maiores nobres do reino, contra apenas 1.600 do lado inglês.



A Batalha de Agincourt, miniatura retirada do *Abrégé de la chronique d'Enguerrand de Monstrelet*, século XV.

As repercussões de Agincourt são tais que Sigismundo (Sacro Imperador Romano, 1368-1437) intervém em 1416 para tentar negociar a paz entre a França e a Inglaterra. No entanto, Henrique V rejeita a exigência, determinado a aproveitar sua vantagem. Ele desembarcou novamente na Normandia em 1418 e assumiu o ducado. Na primavera de

1419, os ingleses chegaram às portas de Paris. Enquanto isso, Henrique V entra na guerra civil entre os borgonheses e os armagnacs e, em dezembro de 1419, fecha um acordo com Filipe, o Bom. Como a Borgonha é o ducado mais poderoso da França, aliar-se a ela dá à Inglaterra uma chance melhor de vencer o conflito.

Encurralada, a rainha Isabel da Baviera é obrigada a assinar o catastrófico Tratado de Troyes em 21 de abril de 1420, pelo qual o herdeiro é expulso da sucessão em benefício do rei da Inglaterra, Henrique V. Para selar o acordo, ele se casou filha de Carlos VI, Catarina de França (1401-1437). O rei da Inglaterra entrou em Paris em dezembro de 1420.

Entre conjecturas e confusões (1420-1429)

Henrique V continua seu trabalho de conquista e reúne um grande exército em Calais. O Delfim Carlos resiste e vence a batalha de Baugé (22 de março de 1421), no Maine, garantindo assim a sobrevivência do seu reino de Bourges.

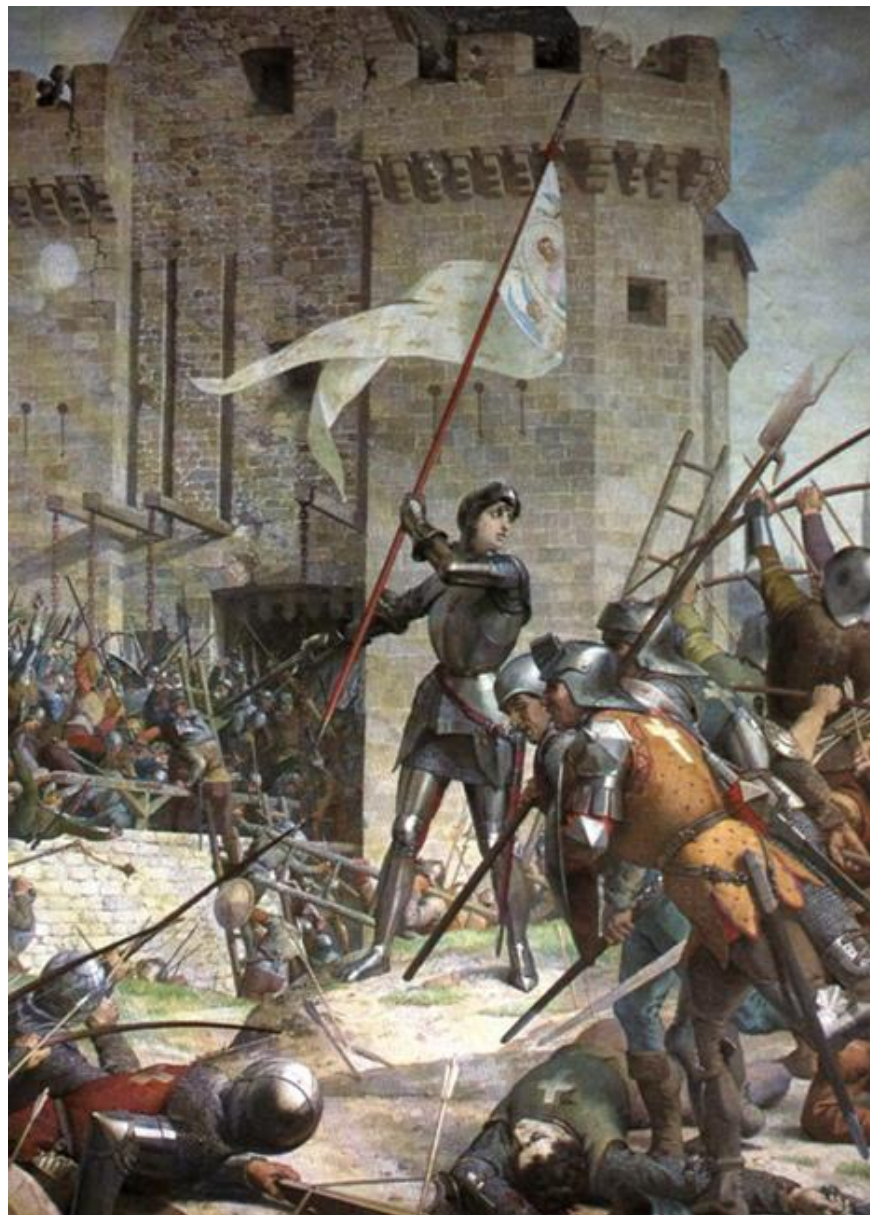
No ano seguinte, Henrique V e Carlos VI morreram. Como Henrique VI (1421-1471), o novo rei da França e da Inglaterra, tem apenas alguns meses de vida, João de Lancaster (duque de Bedford, 1389-1435) é nomeado regente e responsável pela Normandia, Maine, de Calais e Paris. . Do lado oposto, o Delfim da França, Carlos, está à frente das forças enfraquecidas e recebe muito pouco apoio. Mas isso não o impede de reivindicar o título de rei da França, violando o tratado de 1420.

Os acontecimentos militares continuam com uma certa confusão entre o Sena e o Loire. A escassez de tropas e os problemas de comando não permitem alcançar vitórias decisivas. O Duque de Bedford, porém, decide abrir caminho para Berry e conquistar os territórios nas mãos do Delfim.

A explosão e vitória francesa

O Despertar Francês (1429-1444)

Em 1429, o duque de Bedford sitiou Orleans. Embora planejasse tomar a cidade rapidamente, o cerco se arrastou por meses. Porém, uma jovem camponesa chamada Joana D'Arc consegue resgatar a cidade em 29 de abril de 1429. Desde então, é preciso definir uma estratégia para aproveitar esta vitória, mas a comitiva do rei está dividida entre a ideia de ir para Normandia ou para retomar a cidade de Paris. Carlos decide, a conselho de Joana d'Arc, viajar para Reims para ser coroado rei da França na catedral em 17 de julho. Com este ato simbólico, ele pretende posicionar-se como governante legítimo do reino e assim conquistar a lealdade de seus súditos. Em resposta, o duque de Bedford fez com que Henrique VI fosse coroado rei da França em Paris em 1431.



Joana D'Arc no Cerco de Orleans , pintura de Jules Eugène Lenepveu, 1886-1890.

Os franceses continuaram as suas operações e, entre 1429 e 1430, recuperaram as cidades de Laon, Soissons, Senlis e Compiègne dos anglo-borgonheses, mas falharam na tentativa de recuperar Paris. Perante o regresso da peste e da crise económica, e perante a crescente agitação de personalidades influentes no reino, o rei de França é forçado a pausar a sua reconquista.

Joana D'arc

Joana D'Arc nasceu por volta de 1412 na cidade de Domrémy. Ele afirma ter ouvido as vozes de Santa Catarina e Santa Margarida, bem como a do Arcanjo São Miguel, pedindo-lhe que fosse com o Delfim Carlos expulsar os ingleses do reino. Além disso, essas vozes lhe dizem que ele libertará a cidade de Orleans do cerco e que terá que levar o Delfim a Reims para ser coroado. A intervenção de Joana D'Arc é importante porque ocorre no pior momento do jogo francês. Ele não apenas guia o rei em sua estratégia de ataque, mas também motiva novamente as tropas e traz esperança de volta aos franceses. Por esta razão, os ingleses e seus aliados correm para capturá-la e condená-la à morte. Ela foi prisioneira em Compiègne pelas mãos dos borgonheses em 1430, que a venderam aos ingleses. Eles então a julgam por bruxaria e a queimam na fogueira em Rouen, em 30 de maio de 1431. A fama de Joana D'Arc rapidamente se espalha por todos os cantos do Ocidente. Tornou-se heroína nacional no século XIX, foi beatificada em 1909 e depois canonizada e declarada padroeira da França em 1920.

Embora Carlos VII não disponha dos meios necessários para continuar as operações militares, ele trabalha para a reaproximação com o partido da Borgonha. Através do Tratado de Arras de 1435, Filipe, o Bom, Duque da Borgonha, renuncia à sua aliança com a Inglaterra e alia-se ao Rei de França, encerrando assim quase 30 anos de guerra civil em França.

Na Inglaterra, o partido da paz perde um apoio valioso com a morte do duque de Bedford em 1435. As tensões aumentam então entre o chanceler Henry Beaufort (c. 1374-1447), que apoiou as negociações com a França, e o Duque de Gloucester (1394-1447), que apoiou a guerra. Mas, enquanto as derrotas militares se multiplicavam para os ingleses e Carlos VII entrava em Paris em 12 de novembro de 1437, Henrique VI, agora maior de idade, decidiu negociar uma trégua com Carlos VII em 1444.

Os ingleses fora da França (1444-1453)

Carlos VII aproveita esta trégua para reorganizar completamente o exército francês. Através do decreto de 15 de maio de 1445, ele lançou as bases para um exército permanente. É constituída pela grande portaria, um grupo de 15 e depois 20 companhias, cada uma sob o comando de um capitão. Cada um possui 100 lanças, acompanhado por um pajem, um criado, dois ou três arqueiros e um *coutilier* (um soldado de infantaria armado com uma lança e um punhal). Assim, Carlos VII pode ter permanentemente uma cavalaria de campanha de cerca de 12.000 homens, à qual se deve acrescentar a pequena portaria que constitui o exército de guarnição, e uma cavalaria ligeira. Para completar este dispositivo, ele criou o corpo de arqueiros francos em 1448, que infelizmente se revelou ineficaz. Da mesma forma, Carlos VII equipou-se com uma artilharia poderosa, graças aos seus engenheiros, os irmãos Bureau. Durante a primeira metade do século xv, a artilharia diversificou-se, sobretudo graças às suas peças mais leves e mais fáceis de manusear e transportar. Carlos VII deve a essas armas a velocidade de sua reconquista das cidades da Normandia e da Gasconha.

Com a força que o seu novo exército lhe dá, e depois de ter garantido o apoio do duque da Bretanha, Carlos VII quebra a trégua em 1449 e parte para a conquista da Normandia. Os franceses lançam vários ataques no norte, centro e oeste, e afogam um inimigo que tem dificuldade em reagir: a Inglaterra já não pode garantir o pagamento regular dos salários

dos seus homens. O rei da França aproveitou a oportunidade para entrar triunfalmente em Rouen em 10 de novembro de 1449. Em 15 de abril de 1450, ele esmagou o exército enviado por Henrique VI para ajudar sua artilharia em Formigny. As cidades normandas capitulam e, graças à sua superioridade militar e a uma hábil política de conciliação, a Normandia está novamente sob domínio francês menos de um ano após o início das operações.

Então, durante a primavera de 1451, o exército francês desceu o vale de Dordonha, subjugando uma cidade após outra, até a rendição de Bordéus em 30 de junho, seguida por Baiona em 20 de agosto. Os Bordéus, recusando-se a submeter-se ao rei da França, chamaram de volta os ingleses em 1452. Henrique VI respondeu ao seu apelo enviando 3.000 homens sob o comando de John Talbot (c. 1384-1453). Carlos VII e seus aliados bretões lançaram o contra-ataque em 1453 e colocaram um exército de 8.000 homens nas margens do Dordogne, perto da cidade de Castillon. Respondendo ao chamado da população, Talbot sobe o rio com 5.000 homens, e uma luta irrompe em 17 de julho. Os ingleses são rapidamente dominados pelo poder de fogo do exército francês, equipado com 300 bombardeios. Apesar de suas tentativas, eles são derrotados em poucas horas. Carlos VII, que se recusou a dialogar com as cidades da Aquitânia que continuavam a resistir, conseguiu subjugá-las à força e sitiou Bordéus no final de julho de 1453. Enquanto a capital rebelde se preparava para uma longa espera, a burguesia da cidade Ele rende-se em 19 de outubro, temendo a capacidade destrutiva da artilharia francesa.

Com a rendição de Bordéus, o rei da França passa a ser dono de todo o seu reino, com exceção da cidade de Calais. Este é o fim da Guerra dos Cem Anos.

IMPLICAÇÕES

Uma guerra sem fim

Embora se considere que a Guerra dos Cem Anos terminou em 1453 com a rendição de Bordéus, nenhum tratado confirma o fim dos combates. Em 1457, ainda ocorriam escaramuças, especialmente na Île de Ré e no porto de Sandwich. Devemos esperar pela Paz de Picquigny acordada em 1475 para ver uma trégua oficial entre os dois reinos.

Apesar de tudo, se os historiadores retêm o ano de 1453 é porque existe um elemento que traz unidade ao período da Guerra dos Cem Anos: a integridade do território francês ameaçado pela presença inglesa no continente. No entanto, embora em 1453 ainda existisse um enclave inglês em Calais, a França como unidade territorial já não está ameaçada. Este ano marca, portanto, uma ruptura nas tumultuadas relações anglo-francesas.

A reconstrução do tecido socioespacial

As consequências da Guerra dos Cem Anos sobre a demografia e a organização do espaço francês e inglês são importantes.

Entre 1330 e 1450, o reino da França perde cerca de 42% da sua população e a Inglaterra perde quase 40%. Embora a guerra seja um dos factores indiscutíveis que conduzem a este declínio demográfico, especialmente em França, onde ocorrem os combates, este declínio deve-se também e sobretudo às consequências indirectas dos combates: a destruição das colheitas, a fome e as epidemias. Além disso, há um movimento de pessoas do campo para as cidades em busca de proteção. Por isso, no final da guerra, os senhores tentam repovoar as suas terras, pelo que são obrigados a dar novas vantagens aos camponeses, uma vez que naturalmente se submeteram ao senhor que mais lhes ofereceu.

No entanto, a guerra também afecta as cidades. Face aos cercos, à destruição dos subúrbios e ao descontentamento popular, o dinamismo urbano que se desenvolveu antes do conflito foi fortemente afectado, ainda que as necessidades da guerra tenham levado ao estabelecimento de uma administração municipal que perdurou após 1453. No pelo contrário, as cidades inglesas beneficiaram do desvio de muitas rotas marítimas a seu favor e experimentaram um crescimento lento e constante, com o aparecimento das primeiras indústrias têxteis.

As relações sociais também são vítimas deste clima de conflito perpétuo. Várias gerações nascem e morrem sem conhecer a paz, o que leva a uma certa banalização da violência.

Regimes políticos totalmente opostos

A Guerra dos Cem Anos tem consequências irreversíveis na evolução política dos dois reinos. Enquanto em 1337 a França e a Inglaterra eram monarquias feudais, em 1453 os dois países já não tinham nada em comum no que diz respeito à sua organização e filosofia política.

Rumo ao absolutismo real francês

O rei da França adquire poder quase absoluto sobre o seu reino. Enquanto o poder real é diretamente ameaçado pela presença inglesa, Carlos VII estabelece, através da propaganda, todo um rito em torno da pessoa real, que a transforma num escolhido do Senhor. O rei da França torna-se assim um soberano de direito divino. No final da guerra, Carlos VII detém todos os poderes: controla o imposto que se tornou permanente, está à frente de um poderoso exército e tem ao seu serviço um conjunto de agentes formados em direito e distribuídos por todo o território, com a notável criação de parlamentos provinciais.

Diante dele, a nobreza francesa está totalmente desacreditada, principalmente depois de uma queda acentuada nos seus rendimentos e da humilhação nascida das derrotas militares. O tempo das façanhas cavaleirescas acabou, dando lugar à era de um exército eficiente e mortal treinado para a guerra. Por outro lado, vários grandes feudos resistem à centralização do poder, especialmente a Bretanha e a Borgonha. Luís XI (1423-1483), que sucedeu a Carlos VII, deu continuidade ao impulso de controle direto sobre o território, iniciado por seu pai com a saída dos ingleses. Através de uma política de protecção das fronteiras, o controlo da região do Languedoc e do Ducado de Sabóia foi assegurado em 1462. A submissão da Borgonha parece ser mais complexa, mas Luís XI consegue derrotar Carlos, o Temerário (1433-1477) durante o cerco de Nancy. Assim, recupera Borgonha, Picardia, Bolonha, Artois e Hainaut. O seu projecto continuou com a captura entre 1480 e 1482 da herança de René, Duque de Anjou e Conde de Provença (1409-1480). Resta apenas o Ducado da Bretanha, cuja anexação foi preparada em 1491 através do casamento do novo rei Carlos VIII (1470-1498) com a duquesa Ana da Bretanha (1477-1514). Quanto à cidade de Bordéus, esta é colocada sob estrita vigilância com a construção de um forte em cada uma das duas extremidades do espaço urbano.

Os primeiros passos da monarquia parlamentar inglesa

Enquanto a monarquia francesa evolui para o absolutismo de direito divino, a sua contraparte inglesa experimenta uma tendência oposta. O Parlamento e a nobreza são os grandes vencedores da guerra. Isto explica-se, em primeiro lugar, pelo sistema fiscal inglês, que difere do sistema francês desde a Carta Magna de 1215. Na verdade, é o Parlamento que concede ao rei o levantamento de um imposto. Além disso, em tempos de guerra, esta última é obrigada a cumprir as exigências dos senhores e dos comuns se quiser continuar as suas operações militares: estas câmaras são, portanto, dotadas de muito poder.

Tal como em França, a monarquia inglesa alimenta uma reflexão sobre a natureza do poder. Mas à medida que um tende à sacralização, o outro torna-se uma monarquia parlamentar, até que a iniciativa das leis seja abandonada em favor desta assembleia. A derrota da Inglaterra apenas reforçou o descrédito da realeza, e rumores acusam Henrique VI e os seus conselheiros de traição. Em agosto de 1453, o rei enlouquece, dando rédea solta à ambição dos grandes nobres, que acabam enfrentando uma guerra civil, chamada de Guerra das Rosas (1455-1485).

O nascimento das nações

A Guerra dos Cem Anos marca o nascimento da consciência nacional em ambos os países. No entanto, isso leva a realidades diferentes.

Na Inglaterra, a construção de uma identidade coletiva é anterior à Guerra dos Cem Anos. Aparece naturalmente na cidade inglesa, principalmente pela sua geografia única. A Inglaterra é uma ilha, por isso a população inglesa desenvolve rapidamente um sentimento de superioridade em relação ao mundo exterior, que só aumenta com as brilhantes vitórias no início da Guerra dos Cem Anos. Além disso, Eduardo III consegue aproveitar o sucesso militar junto ao povo através de uma propaganda ativa, continuada por seus sucessores, especialmente os Lancastrianos, com a divulgação de épicos nacionais sobre as vitórias de Henrique V.

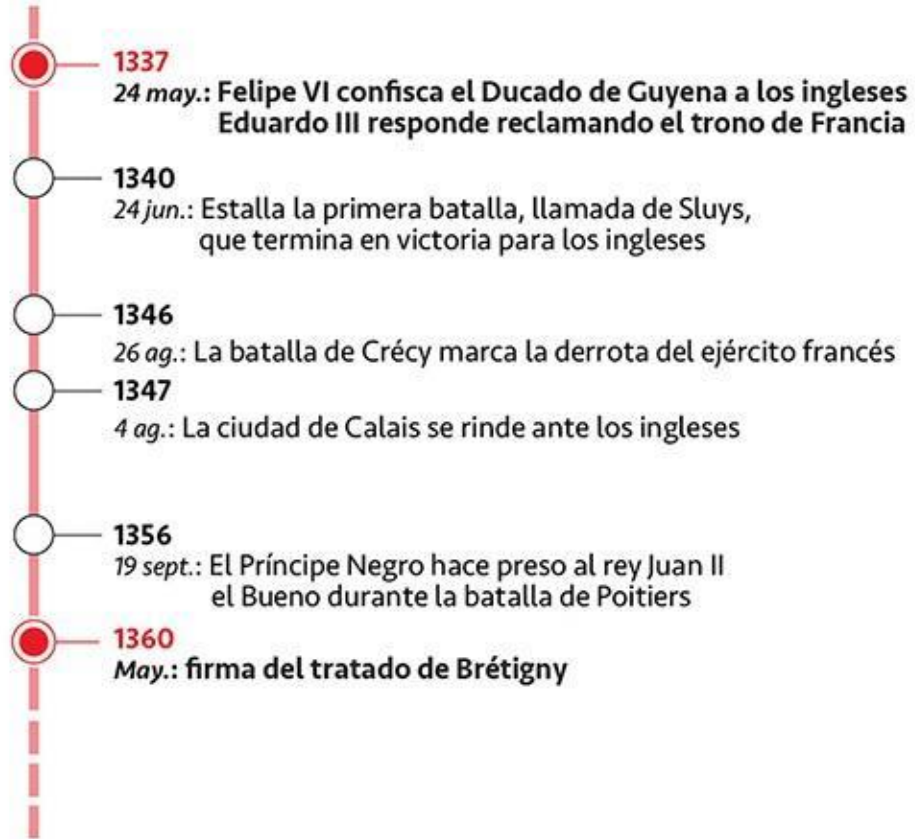
Na França, a situação é muito diferente. Na verdade, no início da guerra, o povo francês não existia como entidade. Num país muito grande, com fronteiras pouco claras, as particularidades regionais permanecem muito marcadas. A construção de uma identidade nacional coletiva é resultado do trabalho realizado pelas personalidades influentes do reino. Desde a entronização de Carlos V, foi lançada uma obra de constituição teórica da unidade francesa através da exaltação de uma gloriosa história nacional e da grandeza do país. A pertença do povo a esta identidade que se cria só se forja num segundo momento, em torno da rejeição do ocupante inglês, considerado responsável pelos infortúnios da época.

Finalmente, a criação de uma identidade nacional não pode ser feita sem a promoção de uma língua falada por todas as pessoas. Neste sentido, a Guerra dos Cem Anos marca uma grande ruptura linguística. Na década de 1330, o latim era de facto a língua utilizada nos actos oficiais e literários, enquanto o francês, em ambos os lados do Canal da Mancha, era a língua da aristocracia e da diplomacia. O povo, por sua vez, utilizava diversos dialetos locais. Desde o início da guerra, Eduardo III, embora de tradição francesa, ordena que todos os seus súditos aprendam e falem inglês e, desde 1362, todos os procedimentos são realizados nesta língua. No entanto, o uso do francês permanece. A verdadeira ruptura ocorreu sob a dinastia Lancaster. No início dos anos 1400, surgiram as primeiras obras literárias em inglês e a sua utilização estendeu-se aos registos oficiais do reino. Assim, no final da Guerra dos Cem Anos, o francês praticamente desapareceu da Inglaterra.

Na França, também se tenta difundir o uso do francês, para que este substitua o latim. Carlos V dedicou-se assim a promover esta língua nacional em todos os documentos oficiais, com o objectivo de mostrar a identidade e independência do reino. Contudo, o uso popular do francês deve ser relativizado em comparação com as línguas regionais.

No final da Guerra dos Cem Anos, os dois países vivem destinos muito diferentes. A guerra permitiu-lhes formar uma unidade territorial e afirmar-se como nação, inaugurando uma nova era na história da Europa Ocidental.

EM RESUMO





- Em 1º de fevereiro de 1328, o rei da França, Carlos IV, morreu sem deixar herdeiro homem. Filipe de Valois, seu primo, é nomeado seu sucessor.
- Em 24 de maio de 1337, enquanto os reinos da França e da Inglaterra lutam para garantir a sua hegemonia na Flandres, o rei francês Filipe VI confisca o ducado da Guiana dos ingleses. Em resposta, Eduardo III reivindica a coroa francesa.
- Em 1340, ocorreu a primeira batalha da Guerra dos Cem Anos, a Batalha de Sluys, que terminou com a vitória inglesa.

- Em 1346, os ingleses acumularam uma série de vitórias, principalmente graças à tática da cavalgada. Assim, o exército francês é derrotado em Crécy em 26 de agosto, enquanto a cidade de Calais se rende aos ingleses em 4 de agosto do ano seguinte.
- Em 1356, os dois exércitos encontraram-se em Poitiers, onde D. João II caiu prisioneiro das mãos do Príncipe Negro.
- Ainda preso, D. João II é forçado a assinar o Tratado de Brétigny em maio de 1360. Assim, perde um quarto do seu reino. No entanto, Eduardo III concorda em renunciar à sua reivindicação ao trono.
- Entre 1369 e 1380, o rei da França, Carlos V, conseguiu reconquistar todos os seus territórios perdidos no Tratado de Brétigny. Assim, os ingleses agora possuem apenas Calais e Guyena.
- A partir de 1388, uma série de tréguas foram assinadas.
- Durante esse período, a França está imersa numa guerra civil que dura 28 anos, na qual os Armagnacs e os Borgonheses se enfrentam.
- Em 1415, o rei da Inglaterra Henrique V desembarcou na Normandia e em 25 de outubro derrotou o exército francês em Agincourt.
- Pelo tratado de Troyes de 21 de abril de 1420, Carlos VI reconheceu o rei da Inglaterra como herdeiro do reino da França.
- Quando a França está no seu pior momento, Joana d'Arc, movida por vozes divinas, também entra na guerra e em 1429, em nome de Carlos VII, liberta a cidade de Orleans. Ele então leva o Delfim a Reims para ser coroado rei.
- Através da Paz de Arras, assinada em 21 de setembro de 1435, o duque da Borgonha Filipe, o Bom, fica do lado da França, pondo fim à guerra civil.
- Entre 1449 e 1450, Carlos VII conseguiu reconquistar a Normandia.
- O rei da França iniciou a reconquista da Guiana em 1451. Apesar de encontrar forte resistência, subjugou definitivamente a província em 1453, após a rendição de Bordéus em 19 de outubro.
- No final da guerra, Carlos VII, rei quase absoluto de direito divino, é dono de todo o seu território, que controla graças ao seu exército e à sua rede administrativa. Quanto a Henrique VI, afundado na derrota, é forçado a lidar com um Parlamento forte.

IR ALÉM

Fontes bibliográficas

- AUTRAND, Françoise. 1994. *Charles V le Sage* . Paris: Fayard.
- Berland, Florença. 2013. *Guerra e sociedade. 1270-1480* . Paris: Atlandé.
- Bordonove, Georges. 2006. *Carlos VII o Victorieux* . Paris: Pigmalião.
- Butaud, Germain. 2012. *Les Compagnies de routiers en França (1357-1393)* . Clermont-Ferrand: Deix-me editar.
- Cassagne-Brouquet, Sophie. 2000. *História de l'Angleterre medieval* . Paris: Ophrys.
- Charmasson, Teresa. 1998. *Cronologia da França Média* . Paris: POOF.
- Poluir, Philippe. 1999. *La guerre au MoyenÂge* . Paris: POOF.
- FAVIER, Jean. 1980. *A Guerra dos Cent Ans* . Paris: Fayard.
- Gauvard, Cláudio. 2002. *La France au Moyen Âge du V^e au XV^e siècle* . Paris: POOF.
- Gauvard, Claude, Alain de Libera e Michel Zink. 2002. *Dicionário de Moyen Âge* . Paris: POOF.
- Minois, Georges. 1993. *Du Guesclin* . Paris: Fayard.
- Minois, Georges. 2008. *La guerre de Cent Ans: nascimento de duas nações* . Paris: Perrin.
- Mollat du Jourdin, Michel. 1977. *Genèse medieval da França moderna* . Paris: Seuil.
- Mollat du Jourdin, Michel. 1992. *La guerre de Cent Ans par ceux qui l'ont vécue* . Paris: Seuil.
- Paladilhe, Dominique. 2002. *La bataille d'Azincourt 1415* . Paris: Perrin.
- TROPLONG, Édouard. 2000. *De la fidélité des Gascons aux Anglais* . Pau: Editor Príncipe Negre.

Fontes complementares

- AUTRAND, Françoise. 1986. *Carlos VI: la folie du roi* . Paris: Fayard.
- Barbeiro, Richard William. 1997. *A Vida e as Campanhas do Príncipe Negro* . Woodbridge: Boydell Press.
- BARTHE, Jean. 1997. *La victoire de Castillon: 17 de julho de 1453* . Bordéus: Editions du Sud-Ouest.
- BEAUNE, Colette. 2004. *Joana d'Arc* . Paris: Perrin.
- Contamine, Philippe, Charles Giry-Deloison e Maurice Hugh Keen. 1991. *Guerre et société en France, en Angleterre et en Bourgogne: XIV^e -XV^e siècle* . Villeneuve-d'Ascq: Centro de história da região do Norte e da Europa do Norte-Oeste.
- Curry, Anne e Michael Hughes. 1994. *Armas, exércitos e fortificações na Guerra dos Cem Anos* . Woodbridge: Boydell Press.
- Hoskins, Peter. 2011. *Nos Passos do Príncipe Negro: o Caminho para Poitiers. 1355-1356* . Woodbridge: Boydell Press.
- JONES, Michael. 1998. *La Bretagne ducale: Jean IV de Montfort entre a França e l'Angleterre 1364-1399* . Rennes: PUR.
- Minois, Georges. 2014. *Poitiers. 19 de setembro de 1356* . Paris: Tallandier.
- MOEGLIN, Jean-Marie. 2002. *Les Bourgeois de Calais: ensaio sobre um mito histórico* . Paris: Albin Michel.
- Moisant, José. 2003. *Le Prince Noir na Aquitânia* . Pau: Editor Príncipe Negro.
- Nicolle, David. 2000. *Crecy 1346: Triunfo do Arco Longo* . Oxford: Osprey.
- Nicolle, David. 2000. *Exércitos Franceses da Guerra dos Cem Anos* . Oxford: Osprey.
- Offenstadt, Nicolas. 2007. *Faire la paix au Moyen Âge: discursos e gestos de paz pendentes da guerra de Cent Ans* . Paris: Odile Jacob.
- ROYER-HEMET, Catherine. 2014. *Prédicação e propaganda ao tempo de Édouard III Plantagenêt* . Paris: FILHOTES.
- Schnerb, Bertrand. 2001. *Les Armagnacs et les Bourguignons: la maudite guerre* . Paris: Perrin.

- Soyez, Jean-Marc. 1999. *Quand les Anglais vengeaient l'Aquitaine: d'Aliénor para Joana d'Arc* . Bordéus: Les Dossiers d'Aquitaine.
- VIENNOT, Éliane. 2006. *La France, les femmes et le pouvoir, l'invention de la loi salique (V^e-XVI^e siècle)* . Paris: Perrin.

Fontes iconográficas

- *A Batalha de Crécy* , ilustração das *Crônicas de Jean Froissart* , século xv . A imagem reproduzida é livre de direitos.
- *Morte de Beltrán Duguesclín no sítio de Châteauneuf-de-Randon* , ilustração presente num manuscrito de Jean de Wavrin, século xv . A imagem reproduzida é livre de direitos.
- *Joana d'Arc em Reims durante a coroação de Carlos VII* , pintura de Jules Eugène Lenepveu, 1886. A imagem reproduzida é isenta de royalties.
- *A Batalha de Crécy* , ilustração dentro de *Les Grandes Chroniques de France* , c. 1415. A imagem reproduzida é isenta de direitos.
- *Carlos de Blois capturado* , ilustração que aparece nas *Crônicas* de Jean Froissart, c. 1410. A imagem reproduzida é isenta de direitos.
- *A batalha de Agincourt* , miniatura retirada do *Abrégé de la chronique d'Enguerrand de Monstrelet* , século xv . A imagem reproduzida é livre de direitos.
- *Joana D'Arc no Cerco de Orleans* , pintura de Jules Eugène Lenepveu, 1886-1890. A imagem reproduzida é livre de direitos.

Crônicas

- *Les Grandes Chroniques de France* . Séculos XIII e XIV.
- le Bel, Jean. Século XIV. *Crônicas* . Paris: Renouard.
- CHANDOS, John. Século XIV. *Vida do Príncipe Negro* . Oxford.
- de Venette, Jean. Século XIV. *Crônica* .
- FROISSART, Jean. Século XIV. *Crônicas* .
- *Jornal de um burguês de Paris* . 1405-1449.

- por Pisan, Christine. Século XV. *Le Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles le Quint* .
- de Monstrelet, Enguerrand. Século XV. *Crônicas* .
- d'Escouchy, Mathieu. Século XV. *Crônica* .

Adaptações literárias

- Shakespeare, Guilherme. 1589-1592. *Henrique VI* .
- Shakespeare, Guilherme. 1592-1593. *Ricardo III* .
- Shakespeare, Guilherme. c. 1595. *Ricardo II* .
- Shakespeare, Guilherme. 1597-1598. *Henrique IV* .
- Shakespeare, Guilherme. 1598-1599. *Henrique V* .
- NAUDIN, Pierre. 1978-1993. *Ciclo Ogier d'Argouges* .
- NAUDIN, Pierre. 1996-1998. *Ciclo de Tristan de Castelreng* .
- NAUDIN, Pierre. 1999-2006. *Ciclo de Guy de Clairbois* .
- RUFFIN, Jean-Christophe. 2012. *Le Grand Cœur* .